



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Pró-reitoria de Graduação
Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas
Curso de Arquivologia

JOSEFA DIONISIO DA SILVA

**ESQUECIDA OU NEGLIGENCIADA: o arquivo
pessoal de Anayde Beiriz.**

**João Pessoa – PB,
2014**

JOSEFA DIONISIO DA SILVA

**ESQUECIDA OU NEGLIGENCIADA: o arquivo
pessoal de Anayde Beiriz.**

Monografia apresentada ao Curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus V – como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Ma. Anna Carla da Silva Queiroz

**João Pessoa – PB,
2014**

S586e

Silva, Josefa Dionisio da
Esquecida ou negligenciada [manuscrito]: o arquivo pessoal
de Anayde Beiriz / Josefa Dionisio da Silva. - 2014.
48 p . : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Anna Carla da Silva Queiroz,
Departamento de Arquivologia".

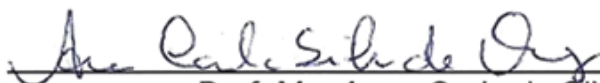
1. Anayde Beiriz. 2. Memória. 3. Arquivo pessoal. I. Título..
21. ed. CDD 027.1

JOSEFA DIONISIO DA SILVA

**ESQUECIDA OU NEGLICENCIADA: o arquivo pessoal de
Anayde Beiriz.**

Aprovada em: 26 de novembro de 2014

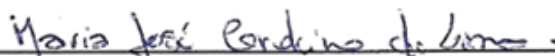
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Anna Carla da Silva Queiroz
Orientador



Prof.^a Ma. Esmeralda Porfírio de Sales
Examinador



Prof.^a Ma. Maria José Cordeiro de Lima
Examinador

“Eu escrevo para criar um mundo no qual possa viver. Procuo criar um mundo como se cria um determinado clima, uma atmosfera onde eu pudesse respirar.

Devemos conquistar nossa força e edificar nossos valores com base no desenvolvimento pessoal e na descoberta de nós mesmos. Contra as desigualdades, as injustiças [...].”

Anayde Beiriz

À minha família...

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, propiciaram a realização da Pesquisa.

À minha família pelo apoio, especialmente, ao meu pai João e minha mãe Irene, pela paciência e dedicação em todas as horas. Aos meus irmãos pelos de incentivos.

A família de Anayde Beiriz, pela disponibilidade de fornecer as informações necessárias para a realização desse projeto, na pessoa de Ialmita Grisi.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba, em especial a prof^a. Anna Carla e ao prof. Dr. José Washington Medeiros, pelas conversas e orientações. E também a banca a Prof^a Maria José Cordeiro e a Prof^a Esmeralda Porfírio.

À Mabel Dias, pela disponibilidade em me ajudar.

Aos meus colegas de sala, pelos momentos de descontrações, alegria e compreensão.

RESUMO

Essa pesquisa debate sobre um segmento da Arquivística que ao passar do tempo abre-se mais possibilidades de análise, que são os Arquivos Pessoais. A revisão da literatura aborda como base teórica pesquisadores como: Pollak e Bellotto, que discutem respectivamente sobre memória e tratamento arquivístico para os arquivos pessoais. A abordagem metodológica é do tipo qualitativo, classifica-se como empírica, quanto à caracterização é exploratória. e a entrevista analisada foi o registro da memória da Senhora Ialmita Grisi, assim, nos permitindo explorar acontecimentos repassados para ela sobre a vida de Anayde Beiriz. Anayde foi professora, poetisa, conhecida por defender a independência feminina e também participante ativa de debates intelectuais. Mas ficou conhecida por manter um relacionamento com João Dantas, no estopim da Revolução de 1930. O trabalho tem como objetivo analisar o arquivo pessoal de Anayde Beiriz, buscando identificar a tipologias documentais e a elaboração de uma proposta de arranjo para o acervo. E também de evidenciar a memória de Anayde Beiriz. Concluímos que a organização do acervo pessoal de Anayde Beiriz permite a rememoração dos eventos vivenciados por ela.

Palavras-chave: Anayde Beiriz. Memória. Arquivo Pessoal.

ABSTRACT

This research debate on a segment of the Archives that over time opens up more possibilities for analysis, which are the Personal Archives. The literature review discusses the theoretical ground as researchers: Pollak and Bellotto, who respectively argue about memory and archival processing for Personal Archives. The methodological approach of this study was qualitative, and the interview was analyzed to record the memory of Lady Ialmita Grisi, thus allowing us to explore events passed to her about life Anayde Beiriz. Anayde was a teacher, poet, known for advocating women's independence and also an active participant in intellectual debates. But was known for keeping a relationship with João Dantas, the outbreak of the Revolution of 1930. The study aims to examine the personal archive Anayde Beiriz, seeking to identify the document types and the development of a proposed arrangement for the collection. And also to show the memory Anayde Beiriz. We conclude that the organization of the personal archives of Anayde Beiriz allows the recollection of events experienced by it.

Keywords: Anayde Beiriz. Memory. Personal Archives.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Foto de Anayde Beiriz	33
FIGURA 2: Diário de missivas	38
FIGURA 3: Fotografias de Anayde.....	39
FIGURA 4: Diploma da Escola Normal da Paraíba.....	39
FIGURA 5: Arranjo do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	15
2.1	Caracterização da Pesquisa	15
2.2	Problematização da Pesquisa	16
2.3	Objetivos	17
2.3.1	Objetivo Geral.....	17
2.3.2	Objetivos específicos.....	18
2.4	Universo da pesquisa e amostragem	18
2.5	Campo Empírico	19
2.6	Instrumento de coleta de dados	20
3	A ARQUIVOLOGIA.....	21
3.1	Arquivos Permanentes	22
3.2	Atividades de Arranjo no Arquivo Permanente	23
3.3	Arquivos Pessoais	24
4	A ARQUIVÍSTICA E OS ESTUDOS MEMORALÍSTICOS.....	27
4.1	Conceituando Memória	27
4.2	Memória, Esquecimento e Silêncio	28
4.3	Relacionando Memória e Arquivística	30
5	ANALISANDO O ACERVO ARQUIVÍSTICO DE ANAYDE BEIRIZ ENQUANTO FONTE DE MEMÓRIA.....	33
5.1	Evidenciando a memória de Anayde Beiriz	33
5.2	Identificando as tipologias documentais do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz	37
5.3	Propondo arranjo para os documentos do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz	40
6	CONSIDERAÇÕES	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE - INSTRUMENTO DE PESQUISA	48

1 INTRODUÇÃO

Entendendo os arquivos como um conjunto de documentos produzidos e recebidos por pessoa física ou jurídica no decorrer de suas atividades, procuramos analisar o acervo arquivístico de Anayde Beiriz e sua importância enquanto fonte de memória e informação. Para tanto, levantamos à seguinte hipótese: a organização dos documentos do arquivo pessoal de Anayde Beiriz possibilita a rememoração dos eventos vividos por ela.

O Brasil no final de 1920 vivia a chamada “República do Café com Leite”¹, onde políticos dos estados de São Paulo e Minas Gerais revezavam-se na presidência, mas no ano de 1929 o presidente da República Washington Luís que era paulista resolveu apoiar a candidatura de Júlio Prestes também paulista. Desse modo, desagradando os políticos mineiros que se aliam ao Rio Grande do Sul em apoio à candidatura de Getúlio Vargas, que tinha como vice João Pessoa.

João Pessoa era presidente do Estado da Paraíba, enfrentava uma revolta comandada pelo Coronel José Pereira da cidade de Princesa, pois o coronel alegava que seu comércio tinha sido prejudicado pela tributação imposta pelo presidente João Pessoa entre as cidades da Paraíba e Recife. Aliado ao coronel José Pereira estava o advogado João Dantas.

Diante desses acontecimentos políticos e sociais estava Anayde Beiriz filha do tipógrafo José da Costa Beiriz e da dona de casa Maria Augusta de Azevedo. Poetisa publicava poemas para algumas revistas e jornais da época como: A revista *a Era Nova* (Paraíba) e a *Revista da Cidade* (Recife). Participava de saraus onde recebia elogios por sua desenvoltura na declamação e também lecionava na colônia de pescadores em Cabedelo na Paraíba. Foi aluna do curso de datilografia, na Escola Remington, no ano de 1927.

Para compreender o que viveu Beiriz nesse período é preciso saber qual o papel da mulher na Sociedade Paraibana dos anos 1920. A Paraíba ainda demonstrava a presença do patriarcalismo, a mulher era submissa aos homens, o seu papel restringia-se ao de esposa dedicada, por esse motivo não podiam ter profissões que fugissem das “prendas domésticas” (costurar, bordar, entre outras),

¹ Recebeu esse nome, pois Minas Gerais era o maior produtor de leite do Brasil e São Paulo maior produtor de café do país, eles se uniram para economicamente e politicamente controlar o Brasil.

também era permitido o magistério para crianças, de preferência meninas. As escolas eram divididas em duas categorias: para meninas e meninos. Era proibido qualquer contato ente eles. Essa separação não ficava apenas nos colégios, se expandia para festas, igrejas e até mesmo em espaços públicos.

Anayde não se contentava com a participação da mulher apenas nas qualificações dadas pela sociedade da época, ela defendia publicamente que a mulher deveria ter independência econômica e também participação na política. No Brasil as mulheres passaram a ter consciência feminista por volta do final do século XIX, esse movimento surgiu com o crescimento da participação da mulher no meio cultural. As mulheres já não estavam mais satisfeitas somente com as prendas domésticas, queriam demonstrar suas qualidades como intelectuais. Mas o sufrágio feminino só foi concedido no ano de 1932, com o Decreto nº 21. 076, no Governo de Getúlio Vargas.

Nos relacionamentos amorosos Anayde não mantinha as convenções que eram comuns para a época, era adepta do “amor livre”, que Del Priore descreve como, “[...] manifestação das emoções entre homens e mulheres. Em lugar do contrato de casamento efetuado diante da igreja e do Estado [...]” (2006; p.259). Assim, o romance de Anayde e João Dantas a leva para história do Brasil e da Paraíba, pois os acontecimentos vividos por eles culminaram com a Revolução de 30.

Como visto anteriormente João Dantas era aliado do coronel José Pereira, eles apoiavam o candidato Júlio Prestes, que foi eleito, acarretando maiores conflitos entre os aliados do Coronel e João Pessoa. Os conflitos se tornaram constantes na cidade de Princesa e João Dantas se vê obrigado a se refugiar em Recife, mas ainda mantém o relacionamento com Anayde, através de cartas.

No ápice do conflito João Pessoa determina que as forças estaduais invadam as casas dos seus “inimigos” em busca de armas, dentre elas o escritório do advogado João Dantas, os policiais não se deparam com armas, mas conseguem abrir o cofre e encontram as correspondências trocadas por Dantas e Anayde Beiriz. Alguns livros de historia relatam que essa correspondência foi publicada no jornal, mas em relatos de familiares, eles afirmam que elas circularam de mão em mão. Essas cartas e poesias escandalizaram a sociedade.

Diante desses fatos, João Dantas aproveita que João Pessoa estava em Recife e na companhia do seu cunhado Augustus Caldas, vai até confeitaria Glória

e dispara contra o Presidente da Paraíba João Pessoa. Assim, após o assassinato do Presidente da Paraíba a comoção toma conta de todo o Brasil e os revoltosos conseguem chegar até o poder, então Getúlio Vargas assume o cargo de Presidente do Brasil.

Anayde Beiriz passa a ser perseguida moralmente e politicamente, ela então decide ir morar em um abrigo na cidade de Recife. Ela visita João Dantas por alguns dias, mas logo ele é encontrado morto. Beiriz é encontrada morta no dia 22 de outubro de 1930, supostamente a causa foi envenenamento, ela é sepultada no cemitério de Santo Amaro. Esses fatos acarretaram também a destruição de alguns documentos da poetisa, mas o que restou faz parte do seu arquivo pessoal, mantido por sua família.

A Arquivologia considera os arquivos como públicos e/ou privados e dentre a categoria dos privados podem existir os arquivos pessoais ou de famílias. No que tange a conceituação de arquivos públicos ou privados no Brasil a Lei nº 8.159, sancionada em 1991, estabelece uma distinção, ela esclarece que:

Art. 7º - Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias.

Art. 11º - Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades.

Art. 12º - Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional.

Nesse contexto, observa-se que os conceitos estão bem próximos, a diferença é que os documentos de arquivos públicos são produzidos já com funções pré- estabelecidas, para servir ao administrativo, legislativo e judiciário. Os arquivos privados podem torna-se público e serem recolhidos por uma instituição arquivística quando for de interesse público e social, sendo necessário ainda ter valor histórico.

Os Arquivos Pessoais passaram a ser muito valorizados por historiadores franceses, que perceberam a relevância das fontes de informação disponíveis por esses acervos. Os documentos pessoais apresentam gêneros documentais diversificados, pois registram as atividades dos homens no decorrer de sua vida.

A organização dos arquivos pessoais deve ser feita pelo profissional arquivista, assim como nos arquivos públicos, pois as atividades que serão executadas nos documentos de arquivos pessoais são as mesmas dos arquivos públicos. Recebendo o tratamento adequado esse documentos serão preservados ao longo do tempo, constituindo a memória individual ou coletiva.

Portanto, diante do que foi exposto esse trabalho teve como meta Compreender a organização dos documentos no arquivo pessoal de Anayde Beiriz, em João Pessoa-PB, buscando entender os processos de organização desse arquivo através dos embasamentos propostos pela Arquivologia, enquanto fonte de memória e informação.

A ideia para o projeto surgiu após a exibição do filme “*Parahyba, Mulher Macho*”, de Tizuca Yamazaki, visto em sala no componente curricular História do Período Republicano no Brasil. No decorrer do filme percebemos diálogos incomuns para mulheres no discurso de Anayde Beiriz, outro fato que causou inquietação é a imagem dessa mulher, como ela é vista na sociedade paraibana. Diante desses questionamentos surgiram às indagações, será que Anayde Beiriz possui um arquivo pessoal? E se possui, ele é organizado? E se é organizado, segue normas arquivísticas?

Entendemos que a realização da pesquisa é importante para formação do profissional arquivista, pois possibilita a concretização das habilidades específicas adquiridas durante a formação acadêmica, além disso, permite adentrar em novos horizontes no campo arquivístico, que são os arquivos pessoais, aumentando nossos conhecimentos no transcorrer da pesquisa.

O presente projeto pode trazer significativas contribuições para a Arquivologia, tanto no contexto teórico, a partir do levantamento de literatura na área de arquivos pessoais, quanto na aplicação da teoria, a partir da compreensão da gestão documental realizada no arquivo pessoal de Anayde Beiriz.

O nosso trabalho apresenta relevância para a sociedade, pois mantendo o arquivo pessoal de Anayde Beiriz organizado, preservado e acessível a todos, não só preservamos a memória individual da professora, como também a memória coletiva dos paraibanos.

Quanto à estrutura da pesquisa foi feita a divisão por meio de capítulos que abrange a introdução e as considerações finais.

O segundo capítulo da pesquisa mostra a metodologia usada para a realização desse trabalho. Demonstrando os métodos utilizados para coletas de dados, bem como justificando o uso da metodologia aplicada. Ainda nessa parte demonstramos os objetivos do estudo e o campo empírico aplicado.

O terceiro e quarto capítulo corrobora com os fundamentos da pesquisa, onde observamos o material pertinente á revisão da literatura, as teorias de outros autores são utilizadas como forma de endossamento do trabalho. Sendo o terceiro capítulo denominado “A Arquivologia” notamos as nuances teóricas referentes aos arquivos pessoais e sua organização. Quanto ao quarto capítulo intitulado “A Arquivística e os Estudos Memorialísticos” define os conceitos

O quinto capítulo explana os resultados da pesquisa, foi nomeado “Analisando o acervo pessoal Arquivístico de Anayde Beiriz enquanto fonte de memória”, onde discutimos os resultados obtidos para evidenciar a memória de Anayde Beiriz, mas também mostramos as atividades do arquivo pessoal, bem como propomos a formulação de um Arranjo para o acervo.

Para Finalizar, temos o sexto capítulo, “Considerações”, nele debatemos a importância da pesquisa, validamos a hipótese e também traçamos perspectivas para futuras pesquisas.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa classifica-se como empírica, tendo em vista que foi realizada diretamente com pessoas e o pesquisador estava inserido no meio social do objeto estudado, estabelecendo relações. A pesquisa empírica adequar-se a esse trabalho porque fizemos uso de conhecimentos dos sujeitos envolvidos no processo de gestão documental e conhecedores da história da vida de Anayde Beiriz².

Quanto à abordagem da pesquisa, utilizamos a qualitativa, já que propicia o entendimento da experiência humana e do seu comportamento, de forma mais geral, analisando o problema a partir do contexto onde está inserido. Denzin e Lincoln (2006, p.22), afirmam que “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*.”. Justifica-se a utilização dessa abordagem nesse trabalho por atender a necessidade dos objetivos propostos pela pesquisa.

Para entender a realidade histórica e social que Anayde Beiriz estava inserida será preciso realizar uma investigação coletando dados com uma abordagem qualitativa, a qual permite interpretar os dados de modo a entender não só a sua produção documental, mas também analisar e descobrir como se deu a destinação dos seus documentos.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, já que nesse tipo de pesquisa é possível investigar e conhecer as especialidades do objeto estudado, deixando o pesquisador mais livre para fazer descobertas a fim de sanar seus questionamentos ou levantar hipóteses. Nessa perspectiva, Gil (2002, p. 41) define pesquisa exploratória:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições.

² Anayde Beiriz, foi professora de ensino básico para adultos, também escrevia poemas, mas ficou conhecida por ter sido namorada de João Dantas, assassino de João Pessoa.

Percebemos que a pesquisa exploratória seria mais adequada, pois permite investigarmos como ocorre a gestão dos documentos do arquivo pessoal de Anayde Beiriz, sendo também possível compreender e localizar os documentos que são mantidos por diversas pessoas.

2.2 Problematização da Pesquisa

A Arquivologia surgiu da necessidade de organizar e reunir os documentos, de modo que fiquem acessíveis para os usuários. E dentre as áreas da Ciência da Informação encontra-se a Arquivologia, que discute as funções do arquivo, os princípios e as técnicas a serem utilizadas para a produção, organização, a preservação e a acessibilidade dos documentos de arquivo.

Os arquivos podem ser mantidos por várias entidades, depende das características da organização através da qual foi produzido. Diante disso, os arquivos podem ser: Públicos (Federal, Estadual e Municipal), Institucionais, Comerciais e Familiares ou Pessoais³.

Refletindo sobre arquivos pessoais, é possível perceber que estes existem desde do século XV, época na qual, por muitas vezes, eram confundidos com arquivos públicos, por exemplo, arquivos pessoais dos reis eram guardado em baús, junto com documentos referentes à administração do reino. Isso leva a inferir que os arquivos pessoais e os arquivos públicos seguiram a mesma trajetória ao longo do tempo.

Na atualidade, os pesquisadores reconhecem os arquivos pessoais como fontes ricas de informações, pois neles estão registrados fatos do cotidiano que se inserem na memória coletiva de uma sociedade, que permite ao pesquisador conhecer a história e a memória de um povo.

Hoje tem aumentado a produção de documentos pessoais, pois é indispensável geração de documentos. E durante toda a vida essa produção vai se acumulando: cartas, extratos bancários, fotos, telegramas, entre outros. Esses documentos são preservados e, muitas vezes, servem como testemunho de vida do

³ Para compreender a Classificação dos arquivos quanto às entidades mantenedoras consultar, PAES, Marilena Leite. **Arquivo Teoria e Prática**. 5 reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.21.

sujeito. A organização os documentos produzidos ou recebidos durante a vida de um sujeito ou da sua família, independente do suporte que as informações estejam registradas. Os gêneros documentais mais comuns nos arquivos pessoais são: textuais, cartográficos, iconográficos, filmográficos, sonoros e digitais.

Anayde da Costa Beiriz nasceu no ano de 1905, no dia 18 de fevereiro na Cidade da Paraíba (atualmente João Pessoa). Ela estudou na Escola Normal, onde se diplomou no ano de 1922 e destacou-se como uma das melhores alunas da sala. Além de lecionar aulas para adultos na Colônia de Pescadores, também escrevia artigos para revistas. Ela ficou conhecida por ter sido considerada amante do advogado João Dantas e ser o pivô do assassinato do então Presidente da Província da Paraíba, João Pessoa (PINHEIRO, 2008).

No mês de julho de 1930, João Pessoa autorizou que policiais invadissem o escritório do advogado João Dantas, para procurar armas e, nessa busca, eles encontraram também as cartas e poesias trocadas por João Dantas e Anayde Beiriz, a correspondência tinha relatos de amor, consideradas de cunho sexual. João Dantas, então, sentindo-se desonrado e também por motivos de desavenças políticas, resolveu vingar-se de João Pessoa, assassinando-o.

Portanto, Anayde Beiriz teve sua vida exposta durante esse período, e foi estereotipada como uma mulher livre e de costumes impróprio para a época, sendo perseguida até o dia da sua morte, enterrada em Recife como indigente. Os documentos produzidos ou recebidos por ela, que formam seu arquivo pessoal, são mantidos por familiares e pesquisadores na Paraíba.

Assim, para entender melhor a organização desse arquivo, no âmbito da memória como fonte de informação esse trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: **Como se dá a organização da informação no arquivo pessoal de Anayde Beiriz?**

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

- Analisar o acervo arquivístico de Anayde Beiriz enquanto fonte de memória.

2.3.2 Objetivos específicos

- Evidenciar a memória de Anayde Beiriz;
- Identificar as tipologias documentais existentes no arquivo;
- Propor um arranjo para os documentos.

2.4 Universo da pesquisa e amostragem

Universo de pesquisa, segundo Lakatos e Marconi (2001, p.109), “é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica comum”. Nesse contexto, o trabalho tem como universo de pesquisa arquivos pessoais de Anayde Beiriz. O universo de pesquisa escolhido justifica-se pelo fato de reunir várias características da amostra de pesquisa, ou seja, para se entender a amostra é preciso compreender as complexidades do arquivo pessoal.

No presente trabalho, temos como amostra os documentos referentes às décadas de 20 e 30 do arquivo pessoal de Anayde Beiriz. Lakatos e Marconi (2008, p.225), conceituam amostra como “[...] uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”. Diante do conceito apresentado, podemos perceber que a amostra escolhida representa suficientemente o universo de pesquisa, pois os documentos produzidos e recebidos por Anayde Beiriz, em sua maioria, são da década de 20, esse recorte de tempo foi utilizado.

Usamos a amostra não probabilística por julgamento, que segundo Calvacante e Zappelini, (2001, p.7) “neste tipo de amostragem o pesquisador que está interessado na opinião de determinados elementos da população estatística [...]” (2001, p.7). Adotamos esse recorte por ser a fonte mais segura de informação por se tratar de documentos particulares, os quais estão sobre a guarda de familiares. A amostra é suficiente para entender os processos de gestão documental do arquivo.

2.5 Campo Empírico

Anayde Beiriz se formou na Escola Normal com apenas 17 anos, foi considerada como uma aluna de destaque, após diplomar-se passou a lecionar aulas na Colônia de Pescadores, em Cabedelo- PB. Também escrevia poemas para revistas, além de defender a liberdade e a independência econômica feminina. Ela inovava em suas roupas usando decotes, até mesmo no corte do cabelo, o que não era comum para moças nessa época.

No ano de 1928 Anayde começa um relacionamento com o advogado João Dantas, essa relação era má vista pela sociedade paraibana, apesar dos dois serem solteiros. João Dantas era adversário político de João Pessoa, e após ter suas correspondências amoras divulgadas na Paraíba, cometeu o assassinato de João Pessoa, esse ato causou a marginalização na história da Paraíba da imagem de Anayde Beiriz e João Dantas.

A população paraibana, influenciada por oportunistas que usaram a morte de João Pessoa para eleger Getúlio Vargas presidente do Brasil, perseguiu todas as pessoas que mantinham relações com as famílias Dantas e Beiriz. Assim, Anayde praticamente não aparece nos livros de história da Paraíba e quando aparece é no papel de “amante” de João Dantas.

Devido à perseguição sofrida por Anayde, muitos documentos que registravam suas práticas intelectuais foram destruídos. Durante muito tempo o arquivo pessoal da professora permaneceu fechado, já que a família não permitia o acesso às informações. Só no ano de 2005, quando a poetisa faria cem anos de idade, é que seus familiares permitiram o acesso à documentação.

Apesar de Anayde ter sido uma personagem importante para a construção da história da Paraíba, por sua contribuição na educação e no meio cultural, o seu arquivo pessoal não dispõe de um lugar físico próprio, pois por muito tempo a sua imagem foi vista como de uma mulher vulgar e que desrespeitava os princípios adequados para uma mulher na sociedade que ela viveu. Por esse motivo e pelo seu envolvimento com João Dantas, é que alguns de seus documentos foram destruídos. Assim, a memória de Anayde Beiriz ficou esquecida durante muito tempo. Os poucos documentos que restaram estão sobre a guarda da Senhora Ialmita Grisi na sua residência que fica localizada no bairro de Manaíra na cidade de João Pessoa-PB.

2.6 Instrumento de coleta de dados

Os instrumentos de pesquisa são de suma importância para a coleta de dados, tendo em vista que através deles será reunida as informações pertinentes ao estudo. No presente trabalho, usamos como instrumento de pesquisa a entrevista.

Entrevista é caracterizada como “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2008, p.197). O tipo de entrevista utilizada foi a não estruturada, já que o entrevistador tem liberdade para perguntar de acordo o roteiro previamente estabelecido.

Selecionamos esse instrumento para obtermos informações sobre o arquivo pessoal de Anayde Beiriz e também melhor compreendermos nosso universo de pesquisa, esse instrumento é o mais adequado por se tratar de uma pesquisa exploratória e que tem abordagem qualitativa, onde foi feita uma conversa profissional com o intuito de responder aos questionamentos da pesquisa.

A entrevista foi aplicada com a sobrinha-neta de Anayde Beiriz, Ialmita Grisi Espínola Gomes, porque ela é a responsável por preservar e organizar os documentos, por ser também uma fonte com muitas informações acerca dos objetivos da pesquisa.

Os dados para pesquisa foram coletados através de entrevistas, as entrevistas foram concedidas por Dona Ialmita, que é a atual responsável pela organização dos documentos. O áudio foi gravado em formato MP3, depois passado para o computador e as partes que eram importantes para pesquisa foram transcritas para o texto, em forma de citações, respeitando fielmente a fala da entrevistada. Os dados foram organizados de modo a responder os questionamentos abordados na pesquisa.

3 A ARQUIVOLOGIA

Os arquivos enquanto instituições arquivística surgiram na Grécia antiga, nos séculos V e IV A.C. na cidade de Atenas. Os atenienses guardavam os documentos de valor no templo da mãe dos deuses, o Metroon. Mas os romanos são os responsáveis pelos avanços na organização dos arquivos. Com o advento do Direito Romano, no século XII, a concepção de arquivo configura-se como reservatório de provas. No final do século XVI, os arquivos tornaram-se instrumentos do governo para uso exclusivo. Dessa forma, até o final do século XVIII, os arquivos são considerados como instrumentos de governo. A partir do século XIX, surge o interesse pelo arquivo de valor histórico.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o conhecimento tecnológico desenvolveu-se, assim acarretando um crescimento no fluxo informacional, ou seja, essas novas tecnologias produziam e armazenavam mais documentos para registrar suas atividades. Esse acontecimento aumentou em grande escala a produção de documentos, dificultando a organização e avaliação dos documentos de arquivo. Desse modo, gerou-se nos arquivos uma grande massa documental acumulada, sendo necessário pensar em novas soluções para gerir essa documentação. Nesse contexto, surge a figura do gestor de documentos ou *records manager* e também o termo gestão de documentos (*records management*). Arelado a esses termos nasce também à teoria das três idades.

O conceito de gestão de documentos surge na década de 50, resultante dos problemas administrativos enfrentados pelos governos do Canadá e dos Estados Unidos da América, oriundos da impossibilidade de gerir os documentos produzidos e armazenados pelas administrações públicas.

No Brasil esse conceito de gestão de documentos surge com a tradução do termo "*record management*", a partir do trabalho de Schellenberg (1956) e também de uma publicação feita pelo Arquivo Nacional Canadense (1969). Segundo a Lei Federal nº 8.159, de 1991,

Considera-se gestão de documentos o conjunto de procedimentos e operações técnicas à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.

Esse conceito deixa claro, as fases (produção, utilização e destinação) que os documentos de arquivo⁴ devem passar até chegar à guarda permanente. O profissional arquivista é responsável por realizar essas atividades e gerir os documentos de arquivo de modo que eles estejam acessíveis a os usuários e também o arquivista deve disseminar as informações.

Dentre as atividades realizadas no arquivo a avaliação e destinação de documentos é uma das mais complexas, pois nessa fase é quando se decide o prazo de guarda dos documentos. Assim, de acordo com a frequência do uso dos documentos eles podem ser considerados, de acordo com a teoria das três idades, como: corrente, intermediário e permanente.

3.1 Arquivos Permanentes

Os arquivos permanentes existem pelo fato da evolução das fases dos documentos. Pois após o documento passar pela fase administrativa de constante uso, os chamados arquivos correntes, ele passa pela fase intermediária onde o uso já não é mais tão constante e após essa fase ele pode ser eliminado ou preservado, constituindo assim, os arquivos permanentes, que de acordo com Paes (2005, p.120) tem como função:

[...] reunir, conservar, arranjar, descrever e facilitar a consulta dos documentos oficiais, de uso não-corrente, ou seja, concentrar sob sua custódia, conservar e tornar acessíveis documentos não-correntes, que possam torna-se úteis para fins administrativos, pesquisas históricas e outros fins.

De acordo com o conceito exposto os arquivos permanentes não podem chegar a essa fase sem tratamento, é importante fazer seleção para que realmente se preserve documentos que tenham valor relevante para as instituições. Faz-se necessário ressaltar que nos arquivos permanentes não somente guardam “preciosidades”, nessa perspectiva Bellotto (1991, p.115) afirma que,

Um arquivo permanente não tem seu acervo constituído de ‘preciosidade’ colecionadas aqui e ali, recolhidas pra que, com elas, o historiador

³ Documentos de arquivo, segundo Paes (2005, p.26) é “aquele que, produzido e, ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elemento de prova ou de informação”.

estabeleça seu referencial de fontes. Um arquivo permanente constitui-se de documentos produzidos em geral há mais de 25 anos pelos vários órgãos da administração pública- cada órgão vindo a constituir um fundo de arquivo- remanescentes de eliminação criteriosa. Um documento é histórico quando, passada a fase ligada à razão pela qual foi criado (informação), atinge a da sua utilização pela pesquisa histórica (testemunho).

Desse modo, os documentos permanentes devem ser preservados não só pensando nos historiadores (pesquisadores), mas para fins de provas, também como garantia do direito dos cidadãos ao acesso a informação e a preservação da memória das instituições.

Nos arquivos permanentes são realizadas algumas atividades para organizar e preservar as informações. Essas atividades são: Arranjo; Descrição e publicação; Conservação e Referência.

3.2 Atividades de Arranjo no Arquivo Permanente

O Dicionário de Terminologia Arquivística Brasileira (2005, p.37), considera arranjo como “sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo (1) ou coleção, utilizando-se diferentes métodos, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido”.

As atividades de arranjo podem ser consideradas intelectuais e físicas, a primeira é a análise feita pelo profissional habilitado na qual ele deve atribuir os documentos quanto à forma, origem e conteúdo. Já as atividades de arranjo físicas referem-se à colocação dos documentos no local de armazenamento.

Os documentos devem ser analisados criteriosamente para depois ser arranjado, pois essa atividade deve respeitar o princípio da proveniência, que estabelece que os arquivos devem ser mantidos reunidos, em um mesmo fundo, que os provêm. Assim, T. R. Schellenberg (2006, p. 161) explica que “[...] os arquivos devem ser arranjados de tal maneira que a organização e funções que os produziram neles se reflitam [...]”. O processo de arranjo é crucial para garantir a acessibilidade dos documentos.

O arranjo deve ser feito em documentos de arquivo permanente, ou seja, documentos que provêm de vários setores, por isso essa atividade tem um grau de dificuldade, já que para realizá-la é necessário identificar o fundo o qual o

documento pertence. Paes (2005, p.123-124) conclui que a escolha deve obedecer dois critérios.

1. *Estrutural*, constituído dos documentos provenientes de uma mesma fonte geradora de arquivos.
2. *Funcional*, constituído dos documentos provenientes de mais de uma fonte geradora de arquivo, reunidos pela semelhança de suas atividades, mantido, porém, o princípio da proveniência.

Assim, dependendo da proveniência dos documentos os fundos podem ser arranjados em séries e subséries, que demonstram a natureza de sua composição, seja estrutural ou funcional, o arranjo também pode ser feito a partir das espécies documentais.

3.3 Arquivos Pessoais

No século XX, os arquivos pessoais tornaram-se uma fonte segura de informação para os historiadores e pesquisadores em geral, que se interessavam pela história da vida privada, por conseguinte esses documentos passaram a ser fontes primárias de informação, adquirindo notoriedade tanto no campo arquivístico como em outros campos de pesquisa. A intenção das famílias ao preservarem os documentos era para fins de provas e/ou testemunho de alguma atividade exercida ao longo da vida, mas também para preservar a memória da família.

Para os arquivistas tradicionais existem diferenças entre os arquivos públicos e os arquivos pessoais, pois eles afirmam que os documentos públicos, ditos oficiais, são produzidos de forma orgânica, natural, transparente e recebem do arquivista um tratamento neutro e imparcial. Enquanto os arquivos pessoais são vistos como: artificiais, parciais e que são produzidos com fins de perpetuar o titular dos documentos, assim esses documentos são considerados como parte de biblioteca, museus, centro de documentação.

No cenário nacional, o interesse pelos arquivos pessoais surge na década de 1970, pois é quando aparecem os primeiros centros de documentação com ênfase na pesquisa histórica, e o grande interesse de se preservar a memória Nacional. Nos centros documentais brasileiros eram encontrados principalmente documentos sobre o período Republicano, mas as pesquisas eram feitas com muita dificuldade, já que não existia uma política de preservação desses documentos.

Apesar do crescente interesse dos pesquisadores por documentos pessoais, eles ainda estão “esquecidos” pela arquivística, pois existem poucos estudos que abordam esse tema. Pode-se afirmar também que os arquivos pessoais são visto como um desafio para o tratamento arquivístico, já que esses acervos são compostos por documentos de suportes diversificados, por serem produzidos por pessoas singulares, cuja produção dos documentos depende das atividades exercidas por seu titular.

Os arquivos pessoais são compostos por documentos produzidos ou recebidos por um sujeito ao longo de sua vida, independente do suporte que a informação está registrada, Bellotto (1991, p. 266) caracteriza arquivos pessoais como:

[...] como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/ atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novas para as ciências, a arte e a sociedade.

Com essa afirmação Bellotto, deixa evidente que os documentos de arquivos pessoais são dotados de novas informações, as quais podem enriquecer os fatos históricos, ou até mesmo disseminar memórias ainda desconhecidas pela sociedade. Por esse motivo é importante que os herdeiros titulares dos documentos pessoais percebam que o recolhimento dos documentos para instituições arquivísticas se faz necessário. Vale salientar que os profissionais após ter feito o recolhimento dessa documentação devem assegurar aos herdeiros a integridade e o sigilo, se for necessário, das informações.

O profissional arquivista responsabiliza-se por gerir os documentos, nesse sentido, Santos (2008, p. 65) entende como gestão de arquivos pessoais “[...] os procedimentos a serem adotados pelo cidadão para controlar e organizar seus documentos pessoais privados seja aqueles produzidos sejam os recebidos de terceiros, em quaisquer suportes, comumente armazenados em sua residência”.

Nos arquivos pessoais são encontrados diferentes tipos de gêneros documentais, já que depende das funções/ atividades que o produtor exerceu ao longo de sua vida. Pode-se encontrar documentos: textuais (cartas, diários, relatórios, certificados, etc.); iconográfico; sonoros; audiovisuais e digitais. Os

documentos de arquivos pessoais devem passar pelo mesmo tratamento que recebem os arquivos públicos, ou seja, ele deve passar por todos os procedimentos arquivísticos, com intuito de ser preservado.

Por ser arquivo pessoal ele não deve ser organizado de forma empírica, mas sim respeitando as normas estabelecidas a níveis nacionais e locais para os arquivos públicos, tomando-os com referencial. Esses documentos também são fontes de memórias de seu produtor, sendo outra razão para preservá-los.

Os documentos de arquivos pessoais devem ser organizados obedecendo ao princípio da proveniência e do respeito ao fundo, ou seja, deve-se observar de onde provêm os documentos, para que assim eles sejam classificados em séries que mantêm organicidade entre si. Mas deve-se atentar ao fato que os arquivos pessoais além de receber o tratamento arquivístico rotineiro é preciso investigar a vida de seu titular fazendo uso dos estudos memorialísticos, para assim compreender complexidade dos documentos e organizá-los de maneira mais adequada, a fim facilitar a busca e a recuperação da informação.

Junto com os procedimentos arquivísticos de tratamento também deve ser elaborado instrumentos de pesquisas que ajudem ao usuário localizar as informações de forma mais precisa e rápida. Os arquivistas devem planejar a difusão do acervo para a sociedade, para que não só profissionais tenham acesso a informação, mas também a população.

4 A ARQUIVÍSTICA E OS ESTUDOS MEMORALÍSTICOS

4.1 Conceituando Memória

Os estudos sobre memória ultrapassam várias áreas do saber é possível encontrar estudos em Psicologia, história, arquivologia, até mesmo no cotidiano comum. O termo memória atualmente tem sido muito evocado em manifestações diversas, emerge desse fato a necessidade de várias áreas do conhecimento realizar estudos memorialísticos.

Na Grécia Antiga a memória era considerada como algo religioso, divino, pois os homens que tinham o poder de lembrar interpretavam o dom concedido pela deusa *Mnemosine*, portanto a memória tinha um sentido místico. Os poetas, filósofos, entre outros senhores de memória, faziam uso das técnicas mnemônicas, para reproduzir discursos através de imagens, sons, lembranças, ou seja, eles adentravam em um lugar imaginário, para construir os discursos.

O termo memória está em constante construção, é um conceito complexo, estudado por várias áreas do conhecimento, por esse motivo encontra-se uma grande diversidade de conceitos, tomando como base o conceito adotado por Meihy (2005, p.63), que descreve memória como “[...] lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais.” Esse conceito esclarece que memória são lembranças, elas dependem do fator biológico do sujeito para serem evocadas, se a memória não estiver registrada em suporte físico.

Alguns pesquisadores afirmavam que a memória é individual, então, faz-se necessário abordar os estudos de Halbwachs nos anos 20-30 defendeu a tese que, a memória deve ser compreendida também como coletiva e social. Sobre memória individual e coletiva Meihy (2005, p.64) define,

Mais do que a soma das memórias individuais, a memória coletiva é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando uma identidade. A memória coletiva é reconhecida no cruzamento de temas comuns – identidade – das narrativas individuais. Onde se dão os pontos de afinidades temáticas, estabelecem-se nas memórias coletivas.

As lembranças individuais de um sujeito estão intrinsecamente interligadas com as coletivas, pois o homem não é um sujeito solitário, ele está constantemente sendo modificado pelo meio em que vive através das relações sociais, ou seja, acontece uma relação espontânea de compartilhamento de memórias.

A memória apresenta algumas características, ela é seletiva, não acumula todas as lembranças vividas, por conseguinte o sujeito só lembrará o que foi retido. Outra característica é a organização, o sujeito organiza na mente o que vai ser excluído e o que vai ficar esse processo acontece na maioria dos casos involuntariamente. Se tratando de memória coletiva esse processo de organização se dá com o apoio do Governo, pois ele que estabelece quais datas vão ser comemoradas, por exemplo, o Governo também pode decidir se algum acontecimento histórico vai ser “esquecido”.

Pollak (1992, p.204) “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo [...]”. Nesse conceito Pollak usa o termo identidade para caracterizar a memória, esse dois termos estão ligados pelo sentimento, ou seja, os sujeitos aceitam, admitem, uns aos outros e é nesse sentimento de pertencimento, de continuidade, que percebemos a memória coletiva e individual, de um grupo de sujeitos.

4.2 Memória, Esquecimento e Silêncio

Assim como a memória o esquecimento tem passagem na história grega, a deusa *Lete* ou *Lethe*, que significa esquecimento, os senhores de memória tentavam vencer a deusa *Lete* através de versos gravados na memória. Ainda sobre a mitologia grega, eles acreditavam na existência de um rio que fazia as pessoas que bebessem da água permaneceriam no completo esquecimento. Como visto, o esquecimento estava ligado sempre à desgraça do homem.

Como já foi mencionado a memória é seletiva, ela elimina o que não se quer lembrar, o sujeito pode não querer lembrar algo, mas ele também pode ser “forçado” a esquecer. O esquecimento pode ser tratado como uma categoria da memória. Para compreender melhor esse processo, Silva (2010, p.328) esclarece que:

Não há memória sem esquecimento(s). Também podemos falar que, muitas vezes, há memórias omissas, quando esquecimento é intencional. Portanto, ao contrário do que geralmente pensamos (e desejamos ter), a memória não é a capacidade de guardar e acumular informações e lembranças com precisão, a memória é o processo de reelaboração de informações e de experiências de vida. Vários fatores interferem nesse processo de reelaboração, que leva a esquecimentos e omissões: traumas, classe social, etnia, gênero, religião, amizades, preconceitos de todo tipo, interesses políticos, disponibilidade de documentos e formas de transmissão da memória, dentre outros.

Diante do que foi visto na afirmação de Silva, percebe-se vários fatores que levam ao esquecimento, desde sentimentos mais particulares até disputas de memórias políticas. Quando se trata de enquadramentos de memória⁵ imposto por pessoas que estão no poder cabe aos sujeitos da sociedade e aos movimentos sociais reivindicarem para que não seja silenciada a memória coletiva. Em alguns casos o esquecimento é necessário para a qualidade de vida, como por exemplo, as vítimas de tortura da Ditadura Militar no Brasil, nesses casos o esquecimento permite que o sujeito não relembre momentos angustiantes.

Lins (2000, p.9) ressalta a relação entre memória e esquecimento como:

A memória é feita de fragmentos dispersos e às vezes sem nexos, absurdos; submissa aos caprichos da reminiscência, elaborada pelo jogo da lembrança e do esquecimento, a memória fugitiva. Ela surpreende e invade por baforadas, de forma sincopada, o sujeito que se lembra.

Nessa afirmativa o autor demonstra que a memória é formada por fragmentos da vida, por lembranças de cheiros, sons, cores, entre outros, tudo que faz o sujeito remeter-se ao seu passado até o esquecimento. Por exemplo, quando o indivíduo se encontra com familiares e eles evocam lembranças, pode ser que algumas delas, não estejam mais registradas na mente, mas essa memória fugitiva pode voltar conforme a evocação da memória coletiva, feita pelos familiares.

As memórias que são silenciadas pela memória coletiva oficial, não são esquecidas pelos sujeitos que vivenciaram os acontecimentos, essas memórias subterrâneas ficam guardadas com os sujeitos, familiares, amigos, mas elas podem ser reveladas para o público, pois as lembranças não foram esquecidas e sim oprimidas por pessoas que tinham poder. A respeito dessa temática Pollak disserta

⁵ Verificar o conceito de enquadramento de memória em POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, 1989, p.8.

“o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (1989, p.3).

As minorias são as partes mais atingidas por esses opressores, mulheres, homossexuais, negros, entre outros, além de ser silenciados, existem casos que é negado o direito das minorias participarem como autores da história e da memória nacional. Esses grupos marginalizados pela memória oficial enfrentam dificuldades para localizar documentos, pois por muito tempo não se teve preocupação em preservar essas memórias.

4.3 Relacionando Memória e Arquivística

Nas sociedades ágrafas a memória era considerada sagrada, as pessoas tinham o poder de controlar a memória. Esses senhores de memória transmitiam o conhecimento técnico, os mitos que fundamentavam a base da cultura desses povos, as suas Leis, tudo era comunicado de forma oral. Mas com o aparecimento da escrita a memória coletiva passou por grandes modificações, surgiu a memória comemorativa, os acontecimentos eram comemorados através da criação de monumentos. Outro tipo de memória que advém da escrita é o documento, nos mais diversos variados tipos de suporte, o mais importante era registrar as memórias.

Essas transformações na memória coletiva propiciaram a criação de lugares para a guarda dos registros de informação, a respeito desses lugares Barros e Neves (2009, p.56) apontam que “o arquivo é visto aqui como um lugar em que a memória se torna participante do processo de identidade, como praxe e representação da sociedade da informação.” É importante lembrar que existem outros lugares de registro de informações, exemplificando: as bibliotecas, museus, centro de documentação, entre outros.

Partindo do pressuposto que as memórias registradas e armazenadas estejam sobre a guarda de uma Instituição arquivística, pode-se afirmar que esse ambiente é um “lugar de memória”, essa denominação foi criada pelo historiador Pierre Nora. Não só se entende como lugar de memória a materialização (espaços físicos), mas também fragmentos abstratos, desde que estes fragmentos sejam capazes de modificar as práticas da sociedade. Conforme enfatiza Nora (1993, p.13):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória.

O arquivo é um novo lugar social da memória, onde, não só apenas, se guarda a memória coletiva e individual, mas também pode ser fonte de conhecimento, de cultura e história, para toda a sociedade. Nessa perspectiva, entende-se que o Arquivo é centro de referência para pesquisas, ou seja, é um lugar para se construir saber. Sendo assim, é importante a difusão do acervo para todos os cidadãos, mas cabe a cada instituição decidir se vai preservar e difundir as suas memórias.

Entre os estudos memorialísticos encontram-se conceitos de memória em algumas áreas do conhecimento, dentre esse conceitos destaca-se as pesquisas de Bellotto, que em seus estudos faz reflexões sobre memória como parte do arquivo, desse modo, Bellotto (2005, p.274) explica que:

[...] a memória é um conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não. A memória é referenciadora, e não recolhedor ou armazenadora. Os documentos existem nos seus lugares, sem que se tente reuni-los materialmente. Basta que a informação esteja captada, o objeto identificado, localizado e disponível para o pesquisador.

O arquivista enquanto profissional da informação deve se preocupar com o tratamento dos documentos, deixando a tarefa da interpretação da memória para os historiadores. O levantamento deve ser subjetivo, mas trazendo o máximo de informação possível na descrição do documento. Esse profissional é responsável por decidir por meio da avaliação documental quais as “memórias” que vão ser preservadas e as que vão ser eliminadas, mas ele deve contar também com a participação de uma comissão. Vale salientar a importância da participação do arquivista em todo fluxo documental, ou seja, desde processo de produção dos documentos até a destinação.

A Arquivística e a memória são indissociáveis, pois a partir do momento em que o homem sentiu a necessidade de registrar os acontecimentos do seu dia-dia através de pinturas em cavernas, ou até mesmo usando o computador para registrar

a sua memória individual e/ou a memória coletiva, ele produziu um documento, o qual necessita de tratamento arquivístico para garantir a sua preservação.

5 ANALISANDO O ACERVO ARQUIVÍSTICO DE ANAYDE BEIRIZ ENQUANTO FONTE DE MEMÓRIA

5.1 Evidenciando a memória de Anayde Beiriz

Anayde da Costa Beiriz nasceu no dia 18 de fevereiro de 1905, moça inteligente e culta, encantava todos com sua beleza e desenvoltura ao declamar poemas nos saraus. Diplomou-se na Escola Normal da Paraíba, com 17 anos no ano de 1922. Os amigos a chamavam de *Panthera* dos olhos dormentes, em uma das cartas que ela escreveu para Henry, explica que ganhou esse nome por sua forma de escrever, mas alguns amigos atribuíam essa denominação ao seu olhar marcante. A sua beleza rendeu-lhe o primeiro lugar no concurso de beleza do Correio da Manhã, no ano de 1925, como pode ser visto na figura 1.

FIGURA 1: Foto de Anayde Beiriz



FONTE: Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz

Beiriz escrevia de maneira romântica e melancólica, as mulheres eram presença constante nos seus contos, essas mulheres eram retradadas como tristes e sofridas, mas também ela expressava os seus ideais de mulheres livres e independentes. Era uma mulher sonhadora, com desejos de ser livre, por esse motivo frequentava lugares onde os homens se reuniam para debates intelectuais, sendo interpretada de forma equivocada pela sociedade paraibana. Ela buscava a independência da sua mente e do seu corpo, expressava isso através da sua escrita e sua tentativa de encontrar o amor. Um exemplo de sua escrita é o conto “*Meu boneco de Natal*”, que foi publicado na Revista da Cidade, em Recife, no dia 26 de abril de 1928.

Meu boneco de Natal

Um dia Papai Noel se lembrou de mim. E me trouxe um boneco louro como um príncipe dos contos da Carochinha... Muito bonito. Muito grande. Assim deste tamanho...
 Eu gostava de brincar com ele. E queria muito bem ao meu boneco de Natal. Ele tinha um nome de quatro letras que nem sei mais...
 Eu dizia que Papai Noel tinha trazido do céu um pedacinho de nuvem branca para fazer o rosto do meu boneco. E também um bocadinho dos cabelos do sol para botar na cabeça dele. E mais duas estrelinhas azuis para pregar-lhes nos olhos...
 Foi o meu mais lindo boneco louro. Tão lindo que me esquecia da vida quando olhava para ele. Então o enchia de porção de beijos. Sua boca era como uma pitanga madura, e tão doce como uma pitanga madura...
 Mas um dia Papai Noel teve ciúmes dos beijos que eu dava no meu boneco louro e veio buscá-lo para dar a outra...
 Eu zanguiei com Papai Noel. Chorei muito.
 Todos os dias eu me lembro do meu boneco de Natal e tenho tanta saudade de sua face de nuvem, de seus cabelos de sol e de seus olhos de estrelas...(JAPIASSU, 2009, p.305)

A personagem Anayde ficou estagnada na história paraibana como amante de um homem e pivô de um assassinato, sendo relegada a esse papel foi esquecido a mulher que ela foi, a sua poesia e seus anos de professora. O esquecimento não só recaiu sobre a sociedade, mas também sobre sua família, que por muito tempo foi perseguida por julgamentos, sendo obrigada a se manterem em silêncio por muitos anos.

A memória coletiva criou uma personagem que foi passado por gerações e até os dias atuais quando se questiona sobre Anayde Beiriz, os paraibanos a

desconhecem ou se lembram dela como a amante de João Dantas. As lembranças da Senhora Ialmita Grissi, sua sobrinha neta, foram repassadas por sua família ela esclarece que:

Quando eu era bem mocinha, menina de 13 anos, minha tia (irmã de Anayde), morava com minha mãe, ela guardava alguma coisa de Anayde, como: miniaturas de louças, pratinhos, copinhos. E eu perguntava sobre Anayde. Tinha um caderno, o que Aranha usou para publicar o livro dele, que era as cartas de Heriberto, e eu achava aquilo divertido, porque ela sonhava que o amado dela ia chegar e ela iria recebê-lo na sua casinha, toda arrumada, ela sonhava até com os filhos que iria ter, colocava nomes nos filho e na filha. Então, eu perguntava para minha tia se ela era casada, e tia me falava que era tudo da cabeça dela, que era cartas escritas para um namorado dela, com sonhos e fantasias, eu pegava o caderno e lia.

Como podemos perceber as lembranças de Dona Ialmita foram repassadas por sua família, e apoiando-se nos documentos para conhecer melhor sua tia Anayde, desse modo, foi possível formar a imagem de uma mulher diferente da que a sociedade paraibana propagou durante anos. Assim, como descreve o conceito de Meihy sobre memória, entende-se que essas lembranças estão carregadas de sentimentos e emoções que demonstram o sentido de pertencimento dessa família. A visão do passado está integrada a cada pessoa pela inserção da memória individual e coletiva, proporcionando a formação de grupo.

Através dessa fala é possível notar a personagem de forma mais íntima, onde fica evidenciada a imagem de uma mulher livre e sonhadora, além disso, identificamos os laços de identidade que mostra a busca da construção da história, por meio do compartilhamento de experiências.

Durante muitos anos a memória oficial oprimiu e mistificou o sobrenome Beiriz, atingindo não só Anayde, mas toda a sua família que foram perseguidos politicamente e socialmente, ocasionando assim o esquecimento intencional. A entrevistada esclareceu que a família não mencionava Anayde frequentemente, pode ser verificado no trecho a seguir:

Eu fazia muitas perguntas para minha tia, mas a minha família não falava muito sobre ela. Eu acho que ficaram com aquela tristeza da forma que ela morreu, só falavam nela quando eu perguntava, só falavam nela e em João Dantas se perguntasse.

Como visto na descrição de Silva sobre esquecimento, a família de Anayde passou pelo processo de omissão de memórias por terem sofrido com a

perseguição em nome da honra e do bom costume. O silêncio prevaleceu por muitos anos, é evidente no testemunho de Ialmita que a família sofria pela forma de exposição.

Só após o lançamento do filme “*Paraíba, Mulher Macho*”, dirigido por Tizuka Yamasaki, no ano de 1983, baseado no livro de José Joffily “*Anayde- Paixão e Morte na Revolução de 30*” (1983), a família de Anayde Beiriz rompeu o silêncio ao contestar a imagem criada e propagada pelo filme, que causou discussões sobre a perspectiva dos fatos da história. Na ótica da Senhora Ialmita Grisi:

Quando foi feito o filme, que dizia o que ela não era. Foi aí que eu comecei a fazer pesquisa com pessoas que viveram na mesma época que ela, e em 1983 tinha muita gente viva ainda, então, eu fiz pesquisa com pessoas conhecidas como: Julio Brito, que era médico conceituado; Onovito Novaes, juiz; Sargento Pitanga; Humberto Nóbrega; até Ademar Vidal, me escreveu, ele não ia dizer nada, mas falou ‘a pobre menina injustiçada’, ele foi dirigente de João Pessoa, então, não podia dizer muita coisa. Eu tenho 18 depoimentos de pessoas diferentes, entre esses de duas professoras da época, que ensinava na mesma colônia de pescadores. Se Anayde fosse do jeito que descreveram, ela não poderia ensinar crianças, ela de manhã ensinava crianças e a noite a adultos. Não iriam a deixar ensinar crianças se ela tivesse um comportamento tão depravado como diziam. Mas é lógico que no filme se faz a ficção, pra poder ter algum lucro, pois no filme não é a história da Paraíba, e a própria (Tizuka Yamazaki) diz que não é ela estava fazendo ficção sobre todos os personagens, então um estudante não pode se basear no filme para estudar a história da Paraíba. E a família não aceitava, minha mãe e minha tia me dizia que não era como o filme mostrava, e por isso eu fiz os depoimentos dessas pessoas, pra poder mais sobre conhecer Anayde.

A rememoração nesse caso traz à tona as memórias que estavam subterradas no meio familiar, o que nos esclarece Pollak, sobre a resistência dos sujeitos em ficar no esquecimento. Essa busca da família para evidenciar a mulher que eles conheciam. Nos mostra a luta da minoria para estabelecer suas lembranças oprimidas.

Ainda na tentativa de preservar a memória de Anayde Beiriz, a família dela começou a escrever panfletos que conta sua versão dos fatos. Pois mesmo que o governo estadual tente homenageá-la ainda se equivocam na forma que deveria ser feita, pois na opinião de Dona Ialmita Grisi, os governantes nomeiam estabelecimentos com o nome de Anayde Beiriz, mas não esclarecem quem foi ela e qual sua importância para história da Paraíba, ou até mesmo seu papel enquanto escritora e mulher.

Eu acho necessário que tenha um centro com suas memórias, pois se tem feito muitas homenagens a Anayde, mas não sabem nem quem ela foi, como por exemplo: Um residencial que foi feito há pouco tempo, precisava ter um histórico explicando quem foi Anayde, para as pessoas saberem o porquê dessa homenagem; a homenagem da escola, ninguém lá sabia quem foi Anayde, Nesses lugares é necessário que tenha algo dizendo o porquê dessa homenagem, para as pessoas saibam quem ela foi. Eu vou até escrever uma carta alertando sobre isso.

Entendemos na fala da Senhora Ialmita a necessidade e o desejo de ser implantado um lugar de memória, conceito esse discutido por Barros e Neves, onde esses registros fossem acessíveis para todas as pessoas. Como demonstrado arquivo mantido por ela é privado, o que dificulta a acessibilidade de cidadãos, os quais desconhecem sua existência.

Por conseguinte, o arquivo pessoal de Anayde Beiriz é uma fonte de memória nele podemos encontrar registros de sua vida que comprovam como ela viveu e suas relações com a sociedade. Também entendemos que o compartilhamento da memória individual da Senhora Ialmita Grisi foi de suma importância para a pesquisa.

5.2 Identificando as tipologias documentais do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz.

O arquivo pessoal é composto por uma multiplicidade de tipos de documentos, pois depende das atividades do seu produtor, dessa forma, a identificação das tipologias documentais deve ser feita de forma exploratória, buscando compreender também o produtor dos documentos, já que ele vai acumulando os documentos de acordo com as suas necessidades.

No caso do arquivo pessoal de Anayde Beiriz, identificamos as tipologias documentais existentes no arquivo, por meio de entrevista no local, mas também buscamos entender a complexidade do arquivo através da vida e das atividades exercidas por Anayde.

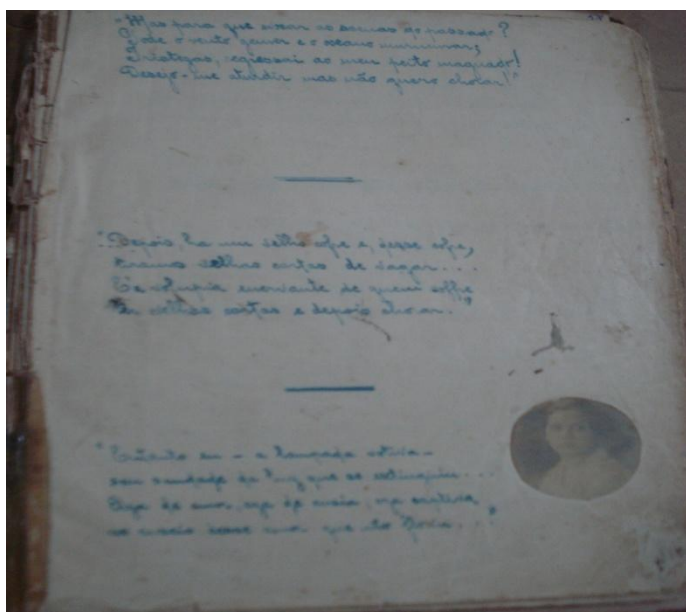
Os documentos de Anayde estavam todos com minha tia, que morava com minha mãe, então quando minha mãe faleceu ela veio morar comigo e eu passei a guardar essa documentação, tinha até o relógio que João Dantas deu para Anayde. Também as cartas e alguns contos, os contos que já estavam velhos foram passados pra outro caderno por minha tia. Certidões, que eu fui buscar nas igrejas (de casamento dos pais dela e também do nascimento dela), tenho cópias de alguns trabalhos que foram

apresentados sobre ela, eu procuro ter tudo que é produzido sobre ela, recortes de jornais, cartaz de eventos, cartaz da peça de teatro, fotos dela e seu diploma.

Analisando o testemunho de Ialmita identificamos que os documentos se originam das mais diversas atividades vivenciadas por Anayde, mas também existem os documentos adquiridos após a sua morte. De tal modo, verificamos que como visto na descrição de Bellotto, a documentação do arquivo pessoal de Anayde Beiriz, representa a sua vida e sua obra, mas ainda enriquecendo a história, pois esses documentos são dotados de memórias que foram esquecidas durante a construção e o registro da História da Paraíba.

Ainda analisando o discurso de Ialmita ressaltamos que o acervo é composto por cartazes de eventos, fotografias, contos, recortes de jornais, certidões, trabalhos sobre Anayde, cartas e o diploma, verificar figuras 2 e 3. As cartas existentes no arquivo estão registradas em um diário, feito por Anayde onde ela copiava a correspondência que enviava para Heriberto e as respostas dele. No acervo encontramos depoimentos de pessoas que conheceram Anayde.

FIGURA 2: Diário de missivas

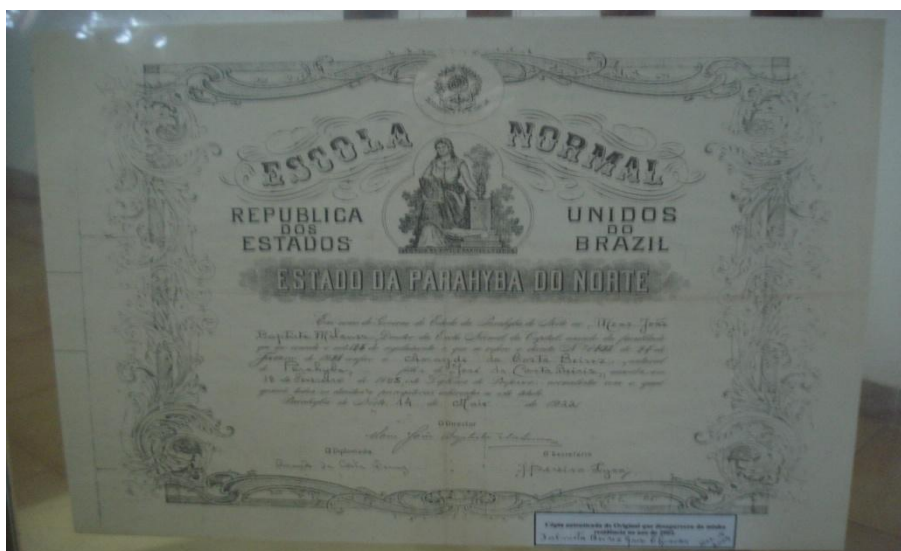


FONTE: Arquivo Pessoal Anayde Beiriz

FIGURA 3: Fotografias de Anayde**FONTE:** Arquivo Pessoal Anayde Beiriz

Vale salientar que durante a Revolução de 1930 destruíram documentos pertencentes à Anayde Beiriz, isso nos leva a crer na existência da dispersão de fundos. E também aconteceu o extravio de documentos ao longo dos anos, como no caso do diploma (averiguar figura 4), segundo lalmita:

O diploma original desapareceu daqui de casa, eu tinha feito umas cópias e ficaram perfeitas, e eu olhava pensava até que era o original, só depois de uns dois anos descobri que o original tinha desaparecido.

FIGURA 4: Diploma da Escola Normal da Paraíba**FONTE:** Arquivo Pessoal Anayde Beiriz

Além da dispersão do fundo notamos que alguns pesquisadores tratam os documentos do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz, como se fosse coleção, e fazem de seus estudos motivo para apoderar-se de documentos pertencentes a esse acervo, quebrando assim a organicidade dos documentos. Entendemos que esses documentos são valiosos para pesquisas, mas o acervo deve ficar junto até que o responsável pela guarda decida se deve doar o acervo para alguma instituição, a qual garanta manter o acervo preservado e acessível para a sociedade interessada.

5.3 Propondo arranjo para os documentos do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz.

Os Arquivos Pessoais devem ser abordados cada um como caso particular, pois são dotados de peculiaridades. No caso do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz, além das especificidades geradas pela produção documental, notamos que não se trata de um fundo fechado, pois ao decorrer dos anos a Senhora Ialmita Grisi agrupa mais documentos ao arquivo. Desse modo, entendemos o fundo como aberto.

A produção documental do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz reflete as atividades exercidas por ela durante sua vida, os arquivos surgem espontaneamente como consequências dessas atividades, mas também de atividades de terceiros. Observamos nuances da vida privada, da sua escrita, mas também do personagem público. Bellotto corrobora com essa temática afirmando que pessoas de interesse público têm seu arquivo pessoal como uma fonte de informação repleta de valor histórico e arquivístico. Nessa linha, o Acervo Pessoal de Anayde Beiriz nos permite conhecer sua biografia e temporalidade.

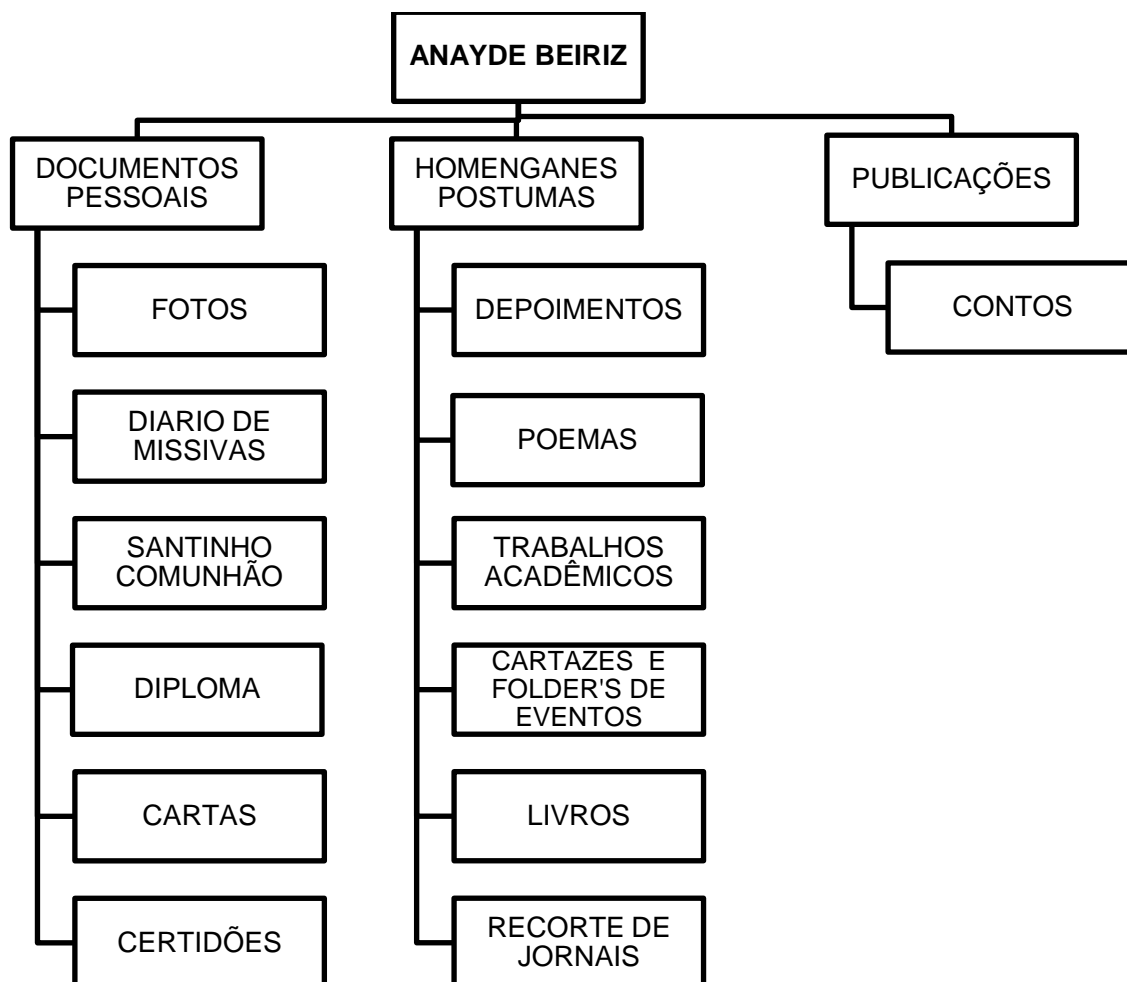
Ao pensar na gestão de documentos pessoais Santos, estabelece procedimentos necessários para organização e preservação. Devem obedecer a uma estrutura lógica e coerente com as funções/ atividades do produtor da documentação. Quanto à organização do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz acontece de forma empírica, os documentos estão agrupados por tipologia e temática. Essa organização não dificulta o acesso aos documentos, por se tratar de um acervo pequeno. Dona Ialmita descreve a organização do acervo como:

Alguns documentos estão em um livro com folhas plásticas. Eu coloco folhas e escrevo o que é e o ano, faço anotações também. Tem alguns recortes de jornais em caixas e pastas de plástico, não seguem uma ordem. As fotografias estão em um álbum de papel.

Entendemos a organização ocorre de forma que não está adequada com as normas arquivística, os documentos estão agrupados aleatoriamente, observamos que os documentos de suporte físico pequeno estão armazenados no livro com folhas plásticas, onde dispõe de uma breve descrição. As fotografias são mantidas em um álbum feito de papel, não foi encontrado nenhum tipo de descrição. Os recortes de jornais, trabalhos acadêmicos e folders de eventos são disponibilizados em caixa de papelão, também não conta com nenhuma ordem específica ou descrição.

Ao propor Arranjo para esse tipo de Arquivo temos que ter mais flexibilidade, pois a pessoa que mantém a custódia agrupa documentos sempre que descobre algum pertencente à Anayde Beiriz, ou quando é feita alguma homenagem à Anayde Beiriz. Seguindo os critérios elaborados por Paes, optamos por usar um arranjo funcional, já que o fundo mantém documentos que provem de fontes geradoras diferentes, mas possuem semelhanças em suas atividades. As atividades propostas nesse trabalho são do tipo intelectual, já que nos interessa a análise da origem funcional e o conteúdo dos documentos.

Tomando como base a teoria de T. R. Schellenberg, apreendemos que o arranjo é uma atividade importante para os arquivos permanentes, desse modo, respeitando o princípio da proveniência, propomos um arranjo para o Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz que pode ser visto abaixo:

FIGURA 5: Arranjo do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz

Fonte: Dados da Pesquisa

O fundo é chamado Anayde Beiriz, estabelecemos a divisão em séries. Cada série corresponde a uma função. A primeira série denominada Documentos Pessoais, mostra os documentos gerados no decorrer da vida de Anayde, esse foram produzidos por atividades executadas por ela. A série Homenagens Póstumas, expõe os documentos produzidos por terceiros com fins de reconhecimento público. A terceira série nomeada Publicações, apresenta a escrita de Anayde Beiriz.. Portanto, com essa proposta de arranjo pretendemos facilitar o processo de acesso à informação e também preservar a memória de Anayde Beiriz.

6 CONSIDERAÇÕES

Pensando sobre as necessidades Arquivísticas da sociedade atual, percebemos que a conservação e valorização dos arquivos pessoais vão além do simples acúmulo de documentos, nos permite conhecer parte da história privada. E para esse elo ser mantido é preciso que ocorram organização e divulgação desses.

A memória e a arquivística estão interligadas, pois ao registrar a memória será produzido um documento, independentemente do suporte, de tal modo podemos afirmar que o arquivo é um lugar de memória.

Nesta pesquisa, nos focalizamos no acervo de Anayde Beiriz, tivemos a oportunidade de conhecer uma mulher de feitiço sociocultural desconhecido, pois diante do que foi apresentado observamos a existência de raros registros de sua vida, assim tornando a possibilidade de adquirir conhecimento a partir de entrevistas a sua sobrinha neta.

Encontramos dificuldades para realizar a pesquisa, por não existir divulgação do acervo. Identificar a pessoa mantenedora da guarda dos documentos foi uma tarefa repleta de empecilhos.

E ao analisar o acervo percebemos que a organização ocorre de maneira empírica. Apesar da organização não está nos padrões arquivísticos foi possível confirmar a hipótese abordada por a pesquisa que diz: a organização dos documentos do arquivo pessoal de Anayde Beiriz possibilita a rememoração dos eventos vividos por ela. Vale salientar que a hipótese só se confirmou por se tratar de acervo com poucos documentos, permitindo assim, o acesso de forma eficaz.

No decorrer da entrevista notamos o sentimento de pertencimento que a Senhora Ialmita Grisi demonstra, pois pra ela é muito importante à preservação da memória de Anayde Beiriz. Ela esclarece que tenta agrupar todos os documentos que mencionam Anayde. Além de tentar divulgar o seu conhecimento.

Esse estudo buscou então não apenas evidenciar a memória de Anayde Beiriz, mas sim instigar a reflexão sobre memória e esquecimento e os fatores que levam as minorias a permanecer em silêncio. Ao tocante ao estudo de arquivos pessoais exploramos as tipologias existentes nesse acervo, bem como a elaboração de um Arranjo intelectual. Ao finalizar esse estudo atentamos para o fato da necessidade da execução de um arranjo físico, e também seguir as outras

atividades decorrentes em um arquivo permanente, que são: Descrição e Publicação; Conservação e Referência.

REFERÊNCIAS

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TRANSINFORMAÇÃO**, Campinas, v.21, n.1, p. 55-61, 2009. Disponível em: < <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=330>> . Acesso em: 01 out. 2011.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; TOGNOLI, Natália Bolfarini. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **PontodeAcesso**, Salvador, v.5, n.1, p. 66-84, abril 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/4868>> . Acesso em: 02 out. 2011.

BELLOTO, H. L. **Arquivos Permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRASIL. Arquivo Nacional **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8159.htm>>. Acessado em: 16 jun. 2011.

CAVALCANTE, F; ZAPPELLINI, P.D. **O que é amostragem?** Parte 1. Update Nº168, Rio de Janeiro, 1999

DEL PRIORE. Mary. **História do amor no Brasil**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN. Norman k. LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed;1999.

LINS, Daniel. Memória, esquecimento e perdão (Per-Dom). IN: LEMOS, Marisa Teresa Toríbio Brittes. MORAES, Nilson Alves de (org.). **Memória e construções de identidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

JAPIASSU, RICARDO. Trocando ideias: em visita a Anayde Beiriz- Peregrina da liberdade. Uberlândia: **Caderno Espaço Feminino**, v.21, n.1, Jan./Jul. 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORENO, Nádina Aparecida. GESTÃO DOCUMENTAL OU GESTÃO DE DOCUMENTOS. In: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida (Org.). **Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina: EDUEL, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-23, 1993.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo Teoria e Prática**. 5 reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. Anayde Beiriz e a escrita de si: (Educação, história e relações de gênero). Natal, 2008. **Dissertação**. Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais**. In: BEUREN, Ilse Maria. (Org.). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo, 2003, v. 1, p. 76-97.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. GESTÃO DE ARQUIVOS PESSOAIS. **Arquivística.net**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 62-80, jan./jul.2008. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=13>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

SILVA, Paulo Renato da. Memória, história e cidadania. **Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, ano 23, n. 32, p. 327-346, 2010.

SHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

APÊNDICE - INSTRUMENTO DE PESQUISA

- Quais as referências sobre Anayde Beiriz à senhora poderia nos informar?
- Fale sobre as memórias que foram repassadas na sua família sobre ela.
- Esclareça sobre a visão que a família mantém de Anayde Beiriz.
- Comente sobre a participação dela na História da Paraíba.
- Comente sobre a representação da memória de Anayde Beiriz na atualidade.
- Explique sobre a origem dos documentos.
- Quais as tipologias existentes no acervo? .
- Os métodos adotados para organização dos documentos.
- Como surgiu a ideia de preservar esses documentos?
- Por que sentiu necessidade de preservá-los?